



FOTOS: DIVULGAÇÃO



O VALOR DO VOTO

As campanhas dos 11 candidatos que disputam a Presidência da República em 2014 poderão custar, juntas, até R\$ 916,7 milhões. Essa é a soma dos tetos de gastos apresentados pelas candidaturas ao Superior Tribunal Eleitoral (TSE) em julho. Mesmo tratando-se apenas de uma previsão, que poderá ou não se realizar, a cifra chama a atenção pelo tamanho: ela supera em 50% os R\$ 611,5 milhões previstos na eleição passada, em 2010, dos quais R\$ 352 milhões foram efetivamente gastos. As cifras confirmam uma acentuada tendência de alta no custo das campanhas: na eleição presidencial de 1989, a primeira após a redemocratização, os gastos somados não chegaram a R\$ 100 milhões em valores de hoje.



CONQUISTAS FRÁGEIS

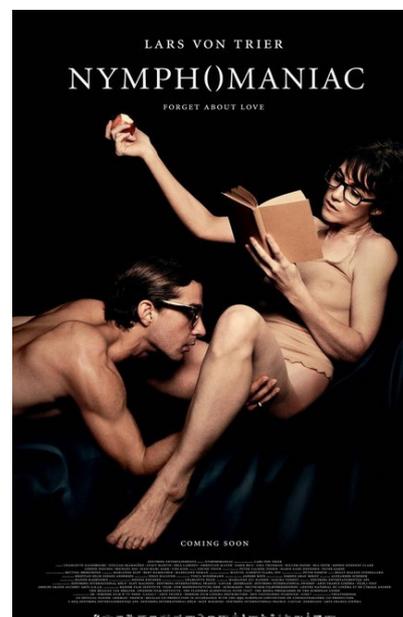
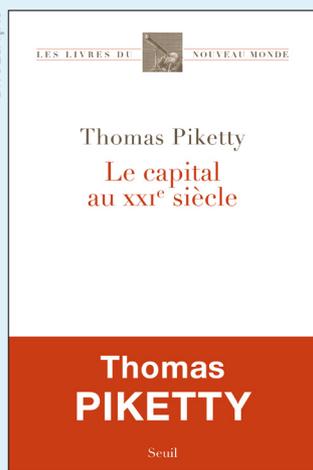
Embora os países em desenvolvimento, que concentram a maior parte da população mundial, tenham exibido aumentos inequívocos em seus Índices de Desenvolvimento Humano nos últimos anos, ainda é cedo para comemorar. O Relatório de Desenvolvimento Humano de 2014, divulgado no fim de julho pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), aponta que essa trajetória de melhora poderá se reverter facilmente em pouco tempo. Com 2,2 bilhões de pessoas vivendo em situação de pobreza ou muito próximo a ela, os ganhos de bem-estar registrados nas últimas décadas ainda são muito sensíveis a ameaças de crises financeiras, flutuações nos preços dos alimentos, desastres naturais e conflitos violentos. O Relatório conclama os países a fortalecer seus serviços sociais básicos e suas políticas de proteção social como forma de conter um possível retrocesso.

LE CAPITAL AU XXI^e SIÈCLE

Teve efeito explosivo, na academia e no mercado editorial, o mais recente livro do economista francês Thomas Piketty, *Capital in the Twenty-First Century*. Logo após ser lançado pela Harvard University Press, em abril de 2014, o título foi alçado às primeiras posições nos rankings de vendas do mundo inteiro e as interpretações do autor sobre a desigualdade tomaram conta do debate econômico. Em meio à polêmica, um detalhe passou quase despercebido: a obra já estava disponível nas livrarias desde setembro do ano anterior, em seu idioma original, sem fazer muito barulho.

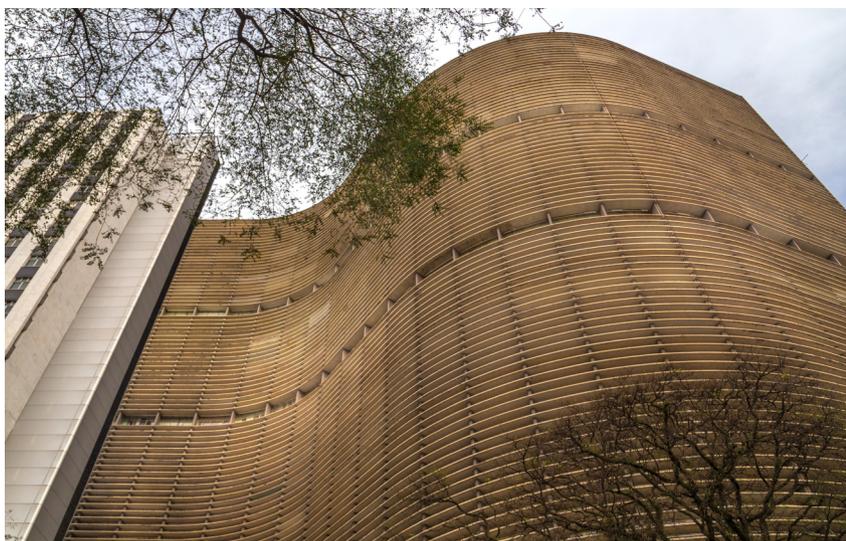
Além daquilo que se propunha, Piketty acabou provando outra coisa: que a comunidade acadêmica perdeu, em definitivo, a capacidade de ler em francês.

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

FOTO: FILIPE FRAZÃO / SHUTTERSTOCK.COM



O PAI VERDADEIRO

O edifício Copan, construção-ícone de São Paulo, é obra de Oscar Niemeyer, certo? Nem tanto. Mesmo tendo concebido em 1951 o seu formato sinuoso e sua inconfundível fachada, o arquiteto carioca influiu muito pouco no que foi construído por dentro dele. Nas duas décadas que duraram as obras, marcadas por inúmeras crises, paralisações e alterações de projeto, quem tomou as rédeas do empreendimento foi outro profissional: o paulistano Carlos Lemos. Aos 89 anos, Lemos acaba de publicar seu relato em *A história do edifício Copan*, lançado em julho pela Imprensa Oficial do Estado. O livro é o primeiro título de uma trilogia sobre o edifício, a completar-se em breve com títulos de autoria da socióloga Maria Ruth Amaral de Sampaio e do jornalista Eric Nepomuceno.

SEXO NO CINEMA

Reais ou simuladas, explícitas ou não, já faz mais de 40 anos que cenas de sexo vêm, a muito custo, conquistando seu espaço no cinema não pornográfico. *O Último Tango em Paris* (Bernardo Bertolucci, 1972), *Perdas e Danos* (Louis Malle, 1992), *9 1/2 Semanas de Amor* (Adrian Lyne, 1986) e *Shortbus* (John Cameron Mitchell, 2006) são alguns entre tantos filmes de inegável qualidade que, em décadas passadas, desafiaram tabus e foram recebidos com variados graus de polêmica e contestação social.

Essa fase, no entanto, parece ter ficado para trás. Em 2014, chegaram às telas diferentes produções que, apesar da naturalidade com que mostram o sexo, não chocaram o público nem a crítica, como costumava acontecer há alguns anos. Foi o caso das cenas protagonizadas pelas atrizes Adèle Exarchopoulos e Léa Seydoux em *Azul é a Cor Mais Quente*, dirigido por Abdellatif Kechiche, ou daquelas entre Pierre Deladonchamps e Christophe Paou em *Um Estranho no Lago*, de Alain Guiraudie. Isso sem mencionar os dois títulos lançados pelo dinamarquês Lars von Trier — *Ninfomaníaca I e II* — que, apesar do título, acabaram se revelando os mais tímidos nesta matéria.